

Loteria do amor

Acabei de ler n'um jornal europeu o seguinte facto extraordinario:

— Na Hungria, uma viuva ainda nova e bonita teve a idéa de fazer uma loteria de si mesma. Com auctorisacão do ministerio das finanças, emittiu setecentos mil bilhetes, que estava passando ao preço de um florim.

O homem, a quem sahir o premio, a desposará; sendo este o plano feito: um terço do producto dos bilhetes será reservado para si; o segundo do terço, para o marido e o terceiro, para os pobres.

Na America do Norte, um rapazola de 25 annos, louro, de saude robusta e de maneiras distinctas, não de todo sem fortuna como a linda hungara, fez tambem uma loteria de sua pessoa, igualmente com permissão da auctoridade competente.

Resume-se n'isto a noticia que li; sendo que a relativa á segunda loteria, conclue por um successo romanesco.

Não venho tratar d'este successo, nem de expor taes acontecimentos como simples curiosidade.

Apanho-os por outro lado, externando as considerações que sobre elles me acodem.

— Uma mulher e um homem que vendem o seu amor, pela loteria!

— Auctoridades publicas que sancionam semelhante transacção!

Eu não condemno tão ao rigor os vendilhões do amor, como o faço quanto aos poderes constituídos que deram approvação tacita a pensamento tão repugnante e attentatorio dos principios que affagam a solidariedade humana.

Esse homem e essa mulher não passam d'uma aberração, si é que não praticam uma temeridade, da qual é muito possivel que mais tarde se arrependam. Annunciam vender o seu amor. Não é verdade. Elles vendem-se simplesmente. Si tivessem amor, não venderiam jamais, e sim o resgatariam, sendo possivel, a custo de todas as sommas que lhes fossem dado reunir.

O amor não se vende absolutamente, nem se permuta, nem se offerece á pessoa indeterminada.

Pois é assim que se comprende o instincto da conservação da especie!

Seria caso para accitação entre os povos no estado primitivo, ou tribus selvagens; que para isto ha justificativa da grande similitude dos individuos, que se excluem dos affectos conjugaes, da sympathy e do amor.

Hoje, entre os povos cultos, entre as classes elevadas, não pôde ser assim. Os typos differentes, reclamam escolha para o seu amor, a que tem direito indeclinavel.

Bem sei eu que na sociedade moderna, no seio das nações que se dizem civilisadas e aprofundadas no conhecimento das leis naturaes, a maioria dos casamentos são realísados com o só intuito da satisfacção do egoismo proprio. Negal-o, seria irrisoria tentativa. Mas, a immoralidade do costume é supportavel, por-

que evitam sempre a flagrancia, ou não fazem as coisas tão ás encanaras.

Teem apparecido, mesmo, annuncios, nos quaes sollicitam mulher ou marido. mas, ainda assim, reservam-se o direito da escolha. No entretanto, que como meio posto ora em pratica na Hungria e na America— não: a escolha será feita pelo azar da sorte.

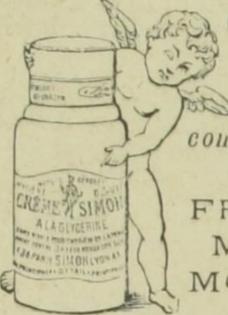
O resultado?

O calculo sordido, ficticio, o interesse ephemero, bem depressa serão desfeitos. A ambição descommunal do homem, si não fôra a sua volubilidade junto ás coisas que lhe acercam, bastaria para tudo destruir, e, ainda, para que tudo mude completamente de perspectiva. Não de comprehender, bem cedo talvez, que os seus calculos foram errados, dando por isto, n'um resultado muito differente ao imaginado. E, então, sem affastar-me do proprio interesse individual, uma das bases da vida, perguntar-lhes-hei pelo elemento com que contavam para melhor resistir aos embates das procellosas ondas.

Unidos, pelos laços indissoluveis, estatuidos e consagrados desde os inicios da civilisação, para que o amor fosse tomado sobre o ponto de vista verdadeiro, essa idea, mais ainda, os atormentará. A realidade se lhes apresentará terrivel, e tanto como um peso de ferro, a esmagar-lhes os sonhos.

No batel em que pretenderam juntos, viajar, será, pois, certa a revolta, e, já em mar alto, quem os poderá socorrer?

Isto quanto ao ponto de vista do interesse individual, isoladamente.



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe,
por meio da
Pâte des Prélats, que embranquece, alisa,
assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras
e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas
borbulhas ou
com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva
e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**,
producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella a encantar todos os olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se
l'Extrait Capillaire des **Bénédictins**
du **Mont-Majella**, que tambem impede
que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanée-os e branqueie-os
com l'Exlixir dentifrice des **Bénédictins**
du **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarancia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foíce embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 51 à PARIS.**

Esta casa tem-na á disposição das nossas elegantes, sol o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa pertencamente a epiderme
mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEUR CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe
em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios,
ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON
fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre
o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos
os
Perfumistas
e
Cabelleireiros
de
França
e do
extrangeiro

VELOUTINE

PÓ
DE
FLOR
DE
ARROZ
especial
PREPARADO
COM BISMUTHO
POR

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

Perfumaria
E. COUDRAY

PÓS DE ARROZ
Magnolia — Opoponax — Lacteina
Heliotropo branco
Edelweiss — Velutina superior.

Perfumaria de Lacteina
Oleo de Quina Agua divina
Perfumaria Primavera
Bouquet choisi Perfume para o Lenço

PARIS — 13, Rue d'Enghien — PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias
e Cabellereiros da America.

Espartilhos
DA CASA
DE VERTUS SŒURS
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS SŒURS acaba de aperfeioar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA

Quanto ao interesse social, colectivo, ao lucro da especie e da moralidade :

Dizem que os dissabores e os infortunios que espinham a um dos membros da grande familia humana, transformam-se em venturas para outros, de seus membros. A regra, porém, não será absoluta, pois que uma vez intima, uma irresistível commoção desagradavel, nos assaltam, tornando-nos penalizados, ao presenciarmos alheias desgraças. Essa voz será somente a do altruismo, ou, tambem, do egoismo?

O caso dos infortunios previstos com a escolha do amor pelo azar da sorte, tocara directamente ao egoismo, e, perante a sociedade, ao interesse colectivo. A menos que não se admitta a hypothese, quasi absurda, d'uma coincidência de encontro da afinidade electrica, as consequencias serão desastrosas para a especie e, conseguintemente, para a sociedade.

A degeneração d'uma pelo effeito physico, correrá parilha com a da outra pelo resultado moral. O rachitismo e tantas outras enfermidades do corpo, juntar-se-hão ás da irritabilidade de indole, ás do caracter, ás da malevolencia ou promotora do crime.

O mal, portanto, será geral, affectando a sociedade, commum e repartidamente.

E, foi, por tal motivo, que no principio d'este artigo, eu disse que condemno mais rigorosamente, pelo caso succedido nos dois citados paizes, aos poderes constituidos que, n'elles, deram approvação tacita a pensamento tão repugnante e attentorio dos principios que affagam a solidariedade humana, e que tiveram esses vendilhões do amor.

A sua responsabilidade é grande. São executores de leis, confeccionadas de accordo com os principios da moral e da razão, no intuito, não somente, de proporcionar maior somma de gosos e de commodidades possiveis a nossos contemporaneos, como de respeitar, de preparar o futuro dos nossos successores, de contribuir, finalmente, para o desenvolvimento da humanidade, debaixo de todo o ponto de vista.

E, si estas debeis reflexões não encontraram echo entre os pensadores modernos, eu, por outro lado, me entristecerei bastante, certo de que a razão d'isto nada mais será que a preponderancia do egoismo, que nos vem surgindo, como o inicio da prostração da virilidade da nossa especie.

AUGUSTO BRITTO.

As laranjas da Marquiza

(Continuação)

II

DIPLOMACIA FEMININA

O Marquez de Beaugency era um elegante gentilhomem, alto, esbelto, de bigodes pretos e torcidos, feições delicadas, olhos vivos e penetrantes, espirituoso, andar ousado e attitude nobre e soberba.

A marquiza còrou levemente ao vê-lo, estendeu-lhe a mão, que elle beijou com uma graça cheia de nobreza, e ao passo que indicava uma cadeira para elle se sentar, murmurava consigo o seguinte :

—Decididamente parece-me de todo inutil a experiencia, porque é incontestavel que não amo senão o Sr. de Beaugency.

« Com que orgulho me apoiarei no seu braço nas festas e saraus da còrte! Com que aprazível felicidade não passarei os longos serões de inverno no gabinete d'este futuro embaixador, enquanto elle se occupar com expedir correios, ou tractar dos negocios de sua magestade!

Depois d'este pequeno monologo, tornou-se a marquiza risonha e galanteadora, como convinha a uma mulher que comprehendia a missão, reservada a si e a sua época, toda de galanteria, pela Providencia, que compassiva reservára só para o seguinte reinado os dias de sangue, de terror e de luto.

—Marquiza, disse o Sr. de Beaugency, conservando apertada nas suas a pequena mão da bella viuva, parece que ha oito dias que não tenho a honra de ser recebido em sua casa, não é assim?

—Oito dias! se ainda hontem aqui estive!

—E' que então conto as horas ou por dias ou por seculos.

—Esse comprimento é por força extrahido das obras do Sr. Crébillon, filho.

—Muito má é, marquiza!

—Póde muito bem ser que assim seja, e até é natural, porque estou hoje tão aborrecida...

—Ah! marquiza, tomo a Deus por testemunha de que quizera rodear a sua vida de todas as venturas e felicidades imaginaveis.

—Isso seria para si muito fatigante e para mim é pouco verosimil.

—Diga uma palavra, marquiza, uma unica, e a minha existencia, a minha fortuna, o meu futuro e a minha ambição...

—Ainda continúa a ser ambicioso?

—Mais do que nunca, depois que reconheço o quanto a amo.

—E é assim necessaria essa ambição?

—Por certo. Que é a ambição senão as honras, a riqueza, os olhares de inveja com que nos fulminam impotentes rivais, a admiração das multidões e o favor dos reis?... E não será o provar evidentemente á mulher que se adora e d'um modo incontestavel o depôr tudo isto a seus pés?

—Talvez tenha razão, marquiza.

—Se tenho razão! Ora tenha a complacencia de me escutar por um momento, querida marquiza.

—Sou toda ouvidos, redarguiu esta sorrindo.

—Entre nós os fidalgos, que não descemos a alliar as nossas raças, nem a manchar os nossos braços com mendigos, ou mesmo com burguezes abastados, de muito mau gosto seria apparentarmos um amor tão vulgar e sentimental como o que pintam esses senhores escrevinhadores e rabiscadores de livros, cuja leitura faz as delicias de suas camareiras e costureiras.

« E póde ir a gente enterrar-se em algum canto obscuro de provincia ou de Paris, que tambem para nós, os gentis-hommes de Versailles, é uma verdadeira provincia, para entregar-se a uma vida toda pastoril, em monotona solidão, entregue ás distrações pueris, ridiculas e semsaborosas, e em invariavel contemplação da natureza, é de certo amar pouco, e fazer da felicidade que se goza uma frioleira ingloria e sem attractivos que a tornem duradoura.

—Ah! pensa d'esse modo? exclamou a marquiza, surpreendida por vêr a direcção que tomava tão importante e decisiva conferencia.

—Que duvida! Falle-me antes de luzidos saraus, deslumbrantes de luz, de ruido, de espirito, de sorrisos, de harmonias, pelo meio dos quaes se atravessa, embriagado de prazer e felicidade, cheio de orgulho e ufania, levando pelo braço a mulher que se ama!...

« Para que em vez de ostentar por toda a parte a nossa boa fortuna, se deve ao contrario ir occultar a n'um recanto ignoto da provincia?

« Em vez de a diminuir, pelo contrario é ella augmentada pelos prazeres do mundo e pela inveja dos outros.

« Meu tio, o cardeal, goza presentemente de muito bons creditos na còrte; o rei escuta-o sempre com notavel benevolencia, e, o que é um pouco melhor, é que a condessa Dubarry tambem lhe tem alguma afeição, e estas circumstancias auctorizam-me a esperar que mais dia menos dia meu tio me arranje uma embaixada para alguma das principaes còrtes do norte.

« D'este modo ahí está a marquiza a partilhar tambem das regalias do meu cargo, especialmente do titulo. Todos a tractaram pela Sra. embaixatriz.

« Sobre o tapete de seu salão, tratará de potencia a potencia, com a mais distincta e elevada nobreza d'este reino. Terá a seus pés os homens e as mulheres, sobre simples tamboretas, ao passo que occupará um throno e terá tambem um sceptro.

O Sr. de Beaugency fallava calorosamente, desenhando-se-lhe no rosto incendiado o fogo tenaz da paixão que mais o dominava—a ambição.

No auge do entusiasmo prophético escorregou docemente da cadeira, ajoelhando aos pés da marquiza, e cobrindo-lhe de beijos as duas bellas mãos que ella lhe abandonou.

Escutava-o, sorrindo-se, a marquiza, até que depois de alguns momentos de silencio, lhe disse rapidamente:

—Erga-se d'ahi, senhor, e escute tambem attentamente tudo o que vou dizer-lhe:

Ama-me sinceramente, como ainda ha pouco me asseverava?

—Com toda a sinceridade de que o meu coração é capaz.

—Está disposto a sujeitar-se por meu respeito a toda a casta de sacrificios?

—A todos, minha senhora.

—Muito bem; visto estar disposto a tanto, vou immediatamente dizer-lhe qual é o sacrificio que primeiro desejo que faça, que tambem será o unico que exigirei de tão extraordinaria dedicação.

—Oh! falle, minha senhora. Será mister ir conquistar um throno, para depois o offerter á senhora, que é a rainha d'este coração, que é e será sempre o mais humilde e dedicado de seus subditos?

—Não, senhor, não é necessario tanto para me contentar, basta só que se lembre que possui no Poitou um bellissimo e elegante castello.

—Ora! disse o Sr. de Beaugency com um sorriso forçado, é uma choupana!

—Na casa do pobre, o dono é elle, e ninguem por certo lhe contestará similhante direitos, por isso, continuou a marquiza, quando se recordar d'isto mande immediatamente apparelhar cavallos de posta.

—E para que fim mandarei apparelhar os cavallos de posta, marquiza?

—Para nos conduzirem a Courlac. Ah! é que o seu capellão, na capella do castello, abençoará a nossa união, em presença dos seus familiares e dos seus vassallos, unicas testemunhas do nosso consorcio.

—Que singular phantasia que é essa a sua, marquiza! mas enfim acceto-a de bom grado para lhe satisfazer essa imaginação tão romanesca e original.

—Muito bem. N'esse caso partiremos esta noite mesmo. Ah! ia-me esquecendo o mais importante do nosso convenio...

—Então que é, diga?

—E' que antes de partirmos mandará a sua magestade a demissão de todos os empregos que occupa na còrte.

O Sr. de Beaugency deu um salto na cadeira como se fosse mordido por uma vibora.

—Deverás quer que faça isso, marquiza?

—Que duvida! O senhor em Courlac não poderá desempenhar como deve as suas obrigações da còrte.

—Porém... e quando voltaremos?

—Não voltaremos.

—Como! não... voltaremos! articulou lenta e desanimadamente o Sr. de Beaugency. E para onde iremos então?

—Para parte alguma. Ficaremos em Courlac. Não é muito má residencia.

—Todo o verão? interrogou o Marquez.

—E tambem todo o inverno. Depois do nosso casamento pretendo estabelecer alli a nossa residencia effectiva.

« Aborreço a còrte, as suas intrigas, as suas ruidosas festas, esses odios mesquinhos e essas invejas acobertadas com falsos sorrisos, e finalmente fatigam-me sobre modo o fausto e as grandezas... aspiro sómente á vida simples, deliciosa e encantadora dos campos, á existencia, calma e obscura da castellã esquecida no seio dos vassallos que a estremeçam.

« Que lhe importa o futuro e as honras?

« E' ambicioso por minha causa? pouca importancia tenho dado e darei á ambição, e muito menos lh'a deve dar, visto que me ama até ao desinteresse, do que devéras estou convencida.

—Comtudo, marquiza, eu...

—Silencio, senhor. Nada mais quero ouvir. Unicamente lhe concederei duas horas para reflectir no que lhe acabo de propôr.

« Venha, disse ella, levantando-se e acenando ao Marquez de Beaugency para que a seguisse; passe por este corredor e entre depois no salão de inverno que topará em frente, na extremidade da galeria a que o conduz o corredor; ahí se deterá o tempo que lhe determinei, enviando me depois a decisão que tomar escripta em uma das folhas da sua carteira de lembranças. Entretanto farei por terminar os arranjos do meu toucador, que interrompi para receber a sua visita.

E a marquiza abriu uma pequena porta, e indicando o corredor ao Sr. de Beaugency tornou rapidamente a fechal-a, voltando depois ao seu lugar.

—Marquiza, gritou o rei detraz do biombo, onde se havia escondido antes da scena a que fizemos assistir o leitor, offereça ao Sr. de Menneval a embaixada da Prussia que lhe havia prometido para elle.

—Então vossa magestade não tencioni por enquanto deixar esse esconderijo?

—Não, marquiza, é muito mais divertido vêr os actores, detraz dos bastidores. Nada tem a gente que dizer, mesmo porque se ouve tudo o que elles dizem e póde-se rir com a melhor vontade, sem receio de ser indiscreto.

N'este momento soaram no relógio as duas horas, annunciando o lacaio em seguida o Sr. de Menneval.

Escusado será dizer que Luiz XV havia retomado com todas as precauções a sua primeira posição, conservando-se mudo e quedo como se fóra uma estatua e preparando-se para não perder nada do dialogo que ia travar-se entre os dois interlocutores.

O mesmo vamos nós fazer se o leitor quizer prestar um momento de attenção.

(Continúa).

Partamos!

Pobre flôr dos balseos! Como as festas
A alegria e os sorrisos te roubaram!...
As tuas roseas faces desbotaram,
Como no outomno o manto das florestas.

No teu olhar não fulgem as arestas
Dos raios que meus versos inspiraram...
Quantas noutes meus prantos escutaram!
Meu Deus! que consequencias tão funestas.

D'aquella tua douda phantasia!...
Mas é tempo, partamos para os campos,
D'aquí não debes ver surgir o dia...

Pois podem te curar sómente agora
No ermô:—o descanso, o ar livre, pyrillamos,
Phalenas, flôres, passaros e a aurora...

HORACIO GUTERREZ.

Loyola

Não se trata aqui do fundador da Companhia de Jesus, mas do convento, casa-mãe da ordem « a perola de Guipzcoa ». Viajante voluntario, descobrindo a Hespanha depois a Italia, e de seu ponto de vista sensível e pessoal renovando os aspectos das coisas, o delicado collega do *Jornal des debates* nos dá uma descripção de Loyola na revista des *Deux-Mondes*.

Bilbao, 16 de Setembro de 1894.

Parto de S. Sebastião pelo trem das oito horas da manhã, linha de Madril, e, duas horas depois, estou em Zumarraga, que é um grande burgo dos Pyreneus, com casas de longo tecto, penachos de arvores surgindo por cima dos homens, homens que tem o aspecto contente de viver e um ruido d'agua corrente, a cigarra destes paizes.

Os moinhos se calam, porque é um domingo.

Uma diligencia espera os viajantes, ou antes os viajantes esperam uma diligencia de cinco mulas que traz na frente, escripto em letras vermelhas: *Zumarraga Azcoited, Loyola, Azpeitia*. Suponho que os modelos estão transformados, desde Dumas e Theophilus Gautier, por que a carruagem não se parece com nenhuma daquellas que nós vemos nas illustrações das viagens em Hespanha, rodar em uma nuvem de poeira no cotovello de uma estrada, por junto de um precipicio.

A nossa vae docemente ao trote de suas mulas magras. O *mayoral* está de bluzo e tenho a honra de estar sentado a seu lado e de gozar da animação paterna que elle dá á parilha, guiada pelas ternuras ou pelas severidades do conductor: *Macho! Macho!* Isso quer dizer simplesmente: Mula! Mula!

A estrada é linda; faz um bonito sol. Nós seguimos a torrente do Urola, e como as montanhas, quasi todas eguaes, desviam alternativamente a agua do Gove, ora a esquerda, ora a direita, do extremo de suas pontas verdes, mudamos de horizonte a cada momento, ficando entretanto a mesma essencia da paisagem: tufos de milho, matas em declives rapidos, já mais pelo outomno, cimos de serra rasos, uma casa aqui e alli, pontes em arco, pontudos no meio, e tão antigos que os parapeitos já cahiram, vendo-se apenas um pequeno atalho de pedras, subindo e descendo acima dos borbotões d'agua por sobre as rochas, verdura, massiço, bosques escalando os cimos, veus de bruma de um colorido sombrio, cascatas que se despenham; estaremos no Tyrol, na Suissa, ou perto de Pistoia, nas elevadas campinas do Apenino? Pode-se escolher entre os tres. A physionomia propria do paiz baixo affirma-se mais nitidamente em Azcoitia.

A velha Hespanha heroica a deixou em dos mais ferozes monumentos que eu conheço: o palacio do decimo segundo seculo, dos duques de Granada, um simples quadrilatero de altos muros, erguendo-se dentre as casas, mas construido de pedras de um tom arreviscado, polidos, luzentes.

A familia la mora ainda durante os mezes de verão Passamos. Os brazões d'armas, de alto relevo, unico ornamento que existe sobre a fachada nua, estão cobertos de crepe. E pouco depois, no meio de um campo, plantado de milho, tomando todo o espaço entre as collinas, cortando a planicie em duas, o imenso convento Loyola me apparece, longas muralhas brancas, cupola acima, desenhando-se sobre o fundo azul de montanhas longinquoas. A primeira impressão é uma impressão de grandeza e severidade. Não conheço ainda o Escorial, mas estou certo de que Loyola se parece um pouco com elle. Está em harmonia com as linhas regulares da paisagem. Nada de arvôres, nada de cores violentas sobre os declives das montanhas; apenas um arrendado de sinosinhos em baixo da cupola.

Nada fixa a curiosidade dos olhos que procuram. Experimenta-se a sensação de deslocamento, o mau estar que a principio nos causa esta coisa tão pouco humana, a magestade simples. E' preciso habituar-se a esta vista grave. Vou-me habituando aos poucos. Cinco minutos não são de mais.

A carruagem passa o convento, franqueia o Urola e deixa-me deante de um perystillo muito florido, a que se sobe por uma escada de diversos degraus e cujas rampas de pedra são guardadas por leões.

E' a entrada da igreja publica, avançando no meio da fachada branca, alto de quatro andares, toda semelhante a que se vê, vindo-se de Azcoitia. Perto de mim, zinias magras, duas cestas de dhalias murchas, cercadas de renques baixos de espinheiros; depois a avenida parallela ao convento, depois duas escadas de castanheiros, para os peregrinos do verão; depois a planicie que continua, de um verde pallido, deserta deste lado, como do outro. Um jardim pouco cuidado, o dos padres jesuitas. A ordem não é contemplativa, isso vê-se logo; é militar. As casas que constroem para ella tem o aspecto mais ou menos de casernas. Nenhum luxo em volta. Contanto que uma boa estrada la va ter, e permitta que se vá pelo mundo, é quanto basta.

Quero visitar o convento, e vou á extremidade do longo edificio onde está a portaria. Sinto-me scismatico. O Padre que me abre não o é; um hespanhol louro, muito moço, de physionomia original e sorridente.

— Quer visitar, senhor? Muito bem, o Padre Ministro vae ser prevenido. Entre na portaria. O parlatorio é uma verdadeira gaiola de vidro, cujos varões são pintados de amarello. Tem largas janellas abertas sobre os jardins, uma vidraça que a separa da portaria, uma outra que dá para o interior do mosteiro, e atravez da qual eu vejo grandes escadas claras, um corredor, jovens sacerdotes que passam, com o guarda-chuva de algodão debaixo do braço. São noviços, diz-me o porteiro, que partem para o passeio.

Como o Padre ministro se fizesse esperar, atravesso a portaria, e detenho-me debaixo de uma galeria, em face da casa patrimonial dos Loyolas « Casa solar dos Loyolas » que está enquadada no mosteiro e por maior que seja apenas occupa uma minima parte.

Era quadrada, com quatro torresinhas flanqueando os angulos. A parede que se vê ainda é de pedra de Cantaria e sem outra abertura senão a porta que dá para o primeiro andar, de tijollos desde em baixo até o tecto. Estes tijollos formam desenhos, sua cor rosea, as janellas regularmente dispostas, o tecto muito ornado, fazem um coroamento de palacio destas obras baixas de fortaleza.

A unica porta é igual sobrepujada por uma inscripção e pelas armas de Loyola que são curiosas: uma caldeira fechada, entre dois lobos.

A caldeira, segundo os velhos auctores, queria dizer: «Gente de nobreza sois ricos e tendes o direito de levantar tropas a vossa custa». Os lobos que não comem, significavam: «Gente de nobreza, sois pobres, debaixo do harnez de guerra».

Penso que foi por esta abertura que em fins de Maio de 1521, soldados francezes trouxeram sobre seus hombros, o filho da casa, um joven capitão, seu inimigo cuja coragem tinham admirado no cerco de Pampeluna. Ignacio de Loyola não era um santo nesta occasião. Suas duas pernas, tendo sido quebrada pela primeira vez pela explosão de uma bomba, uma segunda pelas sacudidelas da liteira foram, parece, mal concertadas pelo cirurgião d'Azcoitia. «Que m'as quebrem uma terceira vez, disse Ignacio, com taes pernas não poderei mais usar botas finas.

Era elle então, accrescenta um author hespanhol, extremamente elegante e apaixonado por bonitas cabeças.

Sombras

Eu amo as nossas grandes tradições passadas,
E todas as velhas folhas ensanguentadas
Do livro da Verdade.

Eu amo esses heróes de frente altiva e pura,
Que ha muito dormem na tragica sepultura
Aberta pela Edade.

Amo os gigantes illuminando o espaço,
Com o brilho fulgente do pallido aço,
De tortes armaduras.

Eu amo os combates de heroicidade e gloria,
Onde resouo o grito de victoria...
Nas suas crenças puras.

Como é bom recordar as sombras idéaes,
Dos nobres solarengos, e dos mariscaes...

E bellas castellans
Ouvindo descuidosas as doces balladas,
Quando pensativas, sonhavam, encostadas
A's altas barbacans.

Eu amo a vetustez das velhas abbadias,
Com as suas magestosas cryptas sombrias
De viaros multicores,

Onde cada tumulo é uma legenda,
Occultando em toda a sua mudez tremenda
Cinzas de vencedores.

E' por isso que eu me sinto então transportado,
Rasgando todos os seculos do passado

Nos livros idéaes
E ante o meu espirito enebriante,
Vejo surgir esse tempo já distante,
Que não volta mais!

FRANCISCO ALVES.

No campo

Campina verde, plaina, lavada, mostra-se-nos aqui setinosa, matizada de flores, que saturam a atmosphera com seu aroma; ali o arroio de frescas e limpidas agua, deslizando-se ora veloz em pequenas cascatas, produzindo brando murmurio; ora sereno, magestoso em seu leito de pequenos christaes, cercado de frageis arbutos, cujos ramos oscilando com a aura perfumada vem beijar-lhe a superficie das aguas.

Ao longe na macega a perdiz solta seus queixumes nos mariosos e tristes pios; o sabiá modula suas endexas de despedida do sol que escondendo-se atraz dos montes, franja-lhes o cimo d'oiro e faz as nuvens multicores. Aqui, ali e mais além, nitidas vaccas com suas crias pascendo a verde relva, soltando de quando em quando roucos e prolongados mugidos.

Ao longe no nascente vem a noute desdobrando seu negro véo no firmamento, que pouco a pouco se povoa de innumeradas estrellas; a lua pallida, mensageira dos poetas e dos amantes surgindo do seu leito de prata, reflete na superficie das aguas do arroio, qual espelho de christal. Nessa hora triste, merencoria aos cantares do dia succedem as aves agoureiras, que fazem funebres concertos com seus sinistros pios e gargalhadas sarcasticas: ao resplendor magestoso do dia succede uma como imagem do tumulo.

HORAS VAGAS

As decifrações dos trabalhos publicados no n. 6, são: da charada — *Harpalice*; da decapitada — *Praia, raia, ia, aia, a*; Do logogrifho — *Dragomano* da novissima — *Saturno*.

Mandaram-nos decifrações *Nenuphar* que acertou em todos e *Ya-Lú* que acertaria tambem se não errasse no logogrifho.

Para hoje:

NOVISSIMAS

(*Nenuphar*).

2, 2 — O primeiro manuscrito na typographia chama-se original.

2, 2 — A parte do corpo deste peixe é substantivo feminino.

EM VERSO

(*Ya-Lú*).

Após muito viajar, dei por fim co'o costado...
Nesta bellissima cidade — 2.

E eu que tanto chorava, tanto, magoado,
Já não chorava, não, beldade! — 2.

Em procissão segui co'a turba immensa
A fazer penitencia!

ANGELUS.

Decifrações até 15 de Maio.

CHRONIQUETA

Rio, 20 de Abril de 1895.

Trata-se neste momento da fundação da Sociedade Theatro Brasileiro, destinada a construir um theatro, estabelecer uma escola de arte dramatica e formar uma companhia para a representação de dramas e comedias nacionaes.

Para a obtenção d'esse desideratum conta-se com o auxilio das senhoras fluminenses; por isso, venho humildemente pedir ás leitoras da *Estação* toda a sua sympathia para essa idéa de patriotismo e de arte.

No Rio de Janeiro não ha empreza que vá por diante sem a protecção do bello sexo, e, *ce qui femme veut Dieu veut* — lá dizem os francezes que são mestres em feminilogia.

A regeneração do theatro brasileiro é uma necessidade que interessa particularmente as senhoras, hoje privadas de um dos meios de diversão mais finos e mais intelligentes.

A influencia da mulher é indispensavel em qualquer assumpto que entenda com a civilização intellectual do povo. O theatro, o verdadeiro theatro, o theatro artistico será uma realidade no Rio de Janeiro desde que as senhoras da boa sociedade advoguem a sua causa, desde que se coloquem generosa e resolutamente ao lado dos que combatem pela regeneração do palco nacional.

O autor d'estas linhas é um dos mais ardentes e dos mais convencidos propugnadores da idéa do levantamento do theatro, e pezaroso ficaria se as senhoras fluminenses não correspondessem ao appello que lhes vae dirigir a Sociedade Theatro Brasileiro.

Quizessem ellas, e só por si promoveriam a prompta reconciliação da alta sociedade com a litteratura dramatica.

A capital da Republica dos Estados Unidos não pôde continuar na vergonhosa penuria, no terrivel descalabro a que chegou no tocante ao theatro. E' preciso a todo transe desaggravar a d'essa ignominia, que a ninguém desgosta mais que ás nossas esposas, as nossas mães e ás nossas filhas.

Pedindo pelo theatro, não peço para mim nem para os meus amigos: peço para o Brasil inteiro, para a communhão geral, para o engrandecimento da Patria.

Todos quantos contribuam para a realização dos intuitos da Sociedade Theatro Brasileiro terão na historia do nosso paiz o logar de honra que ella reserva aos benemeritos da Arte.

*

E tanto interesse ligo a esse assumpto, que não quero distrahir para outro a attenção da leitora. Demais, só poderi fallar-lhes... de que? do jogo dos bichos? do recúo? da revolução rio-grandense?

ELOY, O HERÓE.

Déa

Eil-a no sólo tépido e macio
Tapisado de rosas e esmeralda...
Por traz da serra agora o sol se espalda,
Prestes deixando o outeiro e o val sombrio.

E a sua luz é frouxa, um tanto jalda:
Nenias soluça no cypreste esguio...
Sorri-se a deusa, que maldiz do frio;
Brilhante estêmma a frente lhe engrinalda.

Chiamyde d'ouro e raras pedrarias
Ostenta, e vai por sob as arcarias
Marmoreas, conduzindo seus arcanos...

Canta: que voz dulcissima e maviosa!
E acompanham-na, em marcha delirosa,
As dryades, os faunos e os sylvanos.

CINCINATO GUTERRES.

THEATROS

Rio, 20 de Abril de 1895.

Nada, absolutamente nada de novo nem de interessante em os nossos theatros, pois todos agora vivem de *reprises* nem sempre reclamadas pelo publico.

No Recreio representa se todas as noites o *Tim tim por tim tim*, que cahio no gosto da população, e nos demais theatros variam-se os espectaculos com peças vistas e revistas.

Ensaiam-se duas revistas: no Variedades o *Aquidã-dan*, de Assis Pachaco, e no Apollo o *Major*, do nosso collega Arthur Azevedo.

E está feita a chronica dos nossos theatros.

X. Y. Z.

MOZAICO

N'uma soirée:
 — Sua mulher, general, deve orgulhar-se de ser sua esposa.
 — Yo lo creo.
 — Em que batalha recebeu esse ferimento na testa?
 — Na primeira batalha conjugal, quinze dias depois de casado.

A' centesima desillusão, os corações fortes ainda interrogam.

PAUL BRUZET.

— Sr. delegado, quando hontem á noite me recolhia á casa senti um tiro de revolver, cuja bala me atravessou...
 — O que! O senhor foi atravessado por uma bala?
 — Não senhor; o chapeo.
 — Ora meu amigo, isso não tem importancia; se alguma bala lhe atravessar a cabeça ou o coração, venha então queixar-se.

Um copinho junto com a leitura do jornal encerra todas as revoluções do futuro.

E. FAGNET.

Um bohemio pede a mão de uma menina immensamente rica.

A' recusa do pae diz o pretendente:
 — Ah! senhor! Eu não posso viver sem a sua filha...
 — Creio piamente, meu amigo. Que vidinha terá tu com ella!

Estou rouco de cantar,
 Canta agora tu por mim,
 Minha bocca de cereja,
 Meu raminho de alecrim

Em um bond:
 — Lulú, fica quieto, se não te dou um beliscão.
 — Se você der, eu conto ao conductor que fiz hontem oito annos, e você ha de ter que pagar a minha passagem tambem.

Não me venhas com cantigas
 Farto d'ellas estou eu;
 Deixa-me estar socegada
 Que este socego é só meu.

A liberdade é a terna amante do espirito do homem.

LAMARTINE.

O flr prejudica mais a mulher do que as ultimas consequencias da paixão.

E' muito mais difficil saber gastar do que saber ganhar.

POIRTOU.

Os homens fieis amam as mulheres, os que as enganam, adoram-nas.

BEAUMARCHAIS.

As grandes dôres não matam, ou matam logo, as pequenas são como a tysica que vae lentamente mi-
 nando a existencia do paciente.

ROCHINOT.

ECONOMIA DOMESTICA

Curação domestica

Faz-se infusão, durante uns quinze dias de cem grammas de casca de laranja, cuja parte branca é preciso tirar toda, em dois litros de boa agua-ar quente, com 400 grammas de canella fina e um pouco de cravo da India. O vaso solidamente arrolhado é em seguida exposto ao sol ou a um doce calor; agita-se todos os dias e em seguida accrescenta-se 500 grammas de assucar dissolvido em meio litro d'agua.

DELETTREZ
 EM PARIS
 INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
 extra-fina
 DE
AMARYLLIS
 DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete..... de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Pó de Arroz.... de **AMARYLLIS DU JAPON**
 essencia..... de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Brilhantina..... de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES
 Fabricante
 de Perfumaria Inglesza extra-fina

VICTORIA ESSENCIA
 O mais delicioso perfume do Mundo.
 Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF
 Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel. Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beijos.

LA JUVENILE
 Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
 Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.
 Preparado especialmente para ser empregado com o fluido Iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH
 para embellezar a tez.
 Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel faz o alvo de pesquizas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio, no rosto, nos braços e nas espaduas.

CREAM IATIF
 Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade soore os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES
 Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI
 Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
 Depositos em todas as principaes Perfumarias.

T. T. PIVER em PARIS
 IMPORTADOR DA
 Nova **PERFUMARIA Extra-fina**

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO** + PÓ de ARROZ..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO**
 EXTRACTO..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO** BRILHANTINA..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO**
 AGUA de TOUCADOR ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO** OLEO..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO**
 LOTION..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO** POMADA..... ao **CORYLOPSIS DO JAPÃO**

日 本 香 水

XAROPE DE DENTIÇÃO
 do D^or DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
 ACADEMIA DE MEDICINA
 DE PARIS

Resumem todas as
 Propriedades
 do IODO
 e do FERRO.

40
 Rua Bonaparte
 PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.



OLEO de HOGG
 de FIGADO FRESCO de BACALHAO
 NATURAL e MEDICINAL

Receitado desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as molestias do Feito, Tósse, Crianças franzinas, Tumores, Irrupções da Pelle, Pessoas fracas, Flôres-brancas, etc. O Oleo de Bacalhão de HOGG é o mais rico em principios activos. — Vendido somente em frascos TRIANGULARES. Exigir no envoltorio o sello da Union des Fabricants.

Unico Proprietario: HOGG, 2, rue Castiglione, PARIS, E EM TODAS AS PHARMACIAS

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
 de B^on BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCCESOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
 Exija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
 FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS
 E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.